



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/03/2023 a 09/03/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/03/2023	15,30	498,10	60,61	6,95	6,45
06/03/2023	15,41	507,90	59,88	6,82	6,44
07/03/2023	15,25	501,50	58,16	6,84	6,42
08/03/2023	15,26	498,40	58,49	6,74	6,34
09/03/2023	15,20	498,90	56,57	6,53	6,18
Média	15,28	500,96	58,74	6,78	6,37

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	160,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	153,00	
PR – Cascavel	154,00	
MT – C.N.Parecis	142,00	
MS – Maracaju	148,00	
GO - Rio Verde	146,00	
BA – L.E.Magalhães	147,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	81,00	
PR – Cascavel	77,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	71,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	71,00	
GO – Jataí	71,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	90,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 08/03/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 09/03/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	82,27	162,57	78,89

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
09/03/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	85,27
Feijão (saco 60 Kg)	281,33
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,63
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	ND**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,23

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/23- média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Em semana de relatório de oferta e demanda do USDA, Chicago trabalhou com preços relativamente estáveis, porém, com viés de baixa no final da mesma. O fechamento da quinta-feira (09), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 15,20/bushel, contra US\$ 15,19 uma semana antes.

O relatório consolidou a colheita passada dos EUA em 116,4 milhões de toneladas, porém, reduziu os estoques finais de soja naquele país, trazendo-os para 5,72 milhões de toneladas. A safra mundial foi reduzida para 375,2 milhões de toneladas em 2022/23, a partir da forte quebra na Argentina. Com isso, a estimativa de colheita na Argentina caiu para 33 milhões de toneladas, enquanto a do Brasil permaneceu em 153 milhões. Já a importação de soja por parte da China foi mantida em 96 milhões de toneladas.

Lembrando que o relatório de intenção de plantio, previsto para o dia 31/03, é o mais importante neste momento, pois vai indicar o potencial da futura safra estadunidense.

Dito isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 02/03, atingiram a 542.238 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. Com isso, o volume total embarcado, no atual ano comercial, soma a 42,7 milhões de toneladas, ou seja, 3% acima do resultado do mesmo período do ano anterior.

Já pelo lado da demanda, a China indica uma importação recorde de soja nos dois primeiros meses de 2023, com o objetivo de repor estoques diante do atraso na colheita brasileira. As importações de janeiro e fevereiro atingiram 16,2 milhões de toneladas, com alta de 16,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. O volume para os dois meses combinados é o maior desde pelo menos 2008, segundo dados da Alfândega chinesa. Entretanto, as vendas por parte do Brasil caíram 31% no período, ficando em 6 milhões de toneladas. (cf. AgRural)

Enquanto isso, na União Europeia as importações de soja em grão, para 2022/23, ano iniciado em julho, somaram 7,48 milhões de toneladas até o dia 05/03, contra 9,3 milhões no mesmo período do ano anterior. Por outro lado, as importações de farelo de soja, no mesmo período, somaram 10,5 milhões de toneladas, contra 11,2 milhões em idêntico período do ano anterior. Já as suas importações de colza atingiram a 5,7 milhões de toneladas, contra 3,5 milhões um ano antes. E as importações de óleo de palma atingiram a 2,34 milhões de toneladas, contra 3,59 milhões no mesmo período de 2021/22.

Por sua vez, no Brasil, os preços ficaram estáveis, porém, com viés de baixa diante de um câmbio que voltou a se aproximar de R\$ 5,10 na medida em que a semana avançava. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 162,57/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram o produto a R\$ 160,00. Por outro lado, nas demais regiões brasileiras os preços oscilaram entre R\$ 142,00 e R\$ 154,00/saco.

Em tal contexto, a colheita da soja no Brasil, no final da semana anterior, atingia a 43,3% da área, contra a média histórica de 46,7% e uma colheita de 54,6% no mesmo período do ano passado. (cf. Pátria AgroNegócios)

Outrossim, a comercialização da safra 2022/23, pelo Brasil, atingia a 35,4% da produção esperada, até o dia 03/03. No ano passado, nesta época, o volume vendido chegava a 48,5%, enquanto a média histórica é de 51,7% para o período. Mas há também vendas antecipadas para a futura safra 2023/24. Neste caso, esperando-se uma safra de 152,4 milhões de toneladas, tais vendas teriam chegado a 1,6% neste início de março. Em igual período do ano passado a comercialização antecipada era de 7,1% e a média histórica, para o período, é de 10,6%. (cf. Safras & Mercado)

Em termos ainda de colheita, cerca de 25% da área do Mato Grosso do Sul havia sido cortada no início de março, sobre uma área total de 3,8 milhões de hectares. A produção final esperada está mantida em 13,4 milhões de toneladas. Se confirmada, a mesma será 54% superior ao registrado no ano anterior, prejudicado que foi pela estiagem. Dito isso, a colheita está atrasada, foi deveria estar atingindo mais de 47% da área. (cf. Aprosoja/MS)

Enquanto isso, no Mato Grosso, a produção final de soja, nesta safra, foi revista para cima, devendo atingir ao recorde de 44,3 milhões de toneladas, segundo o Imea. Em confirmando tal volume, o mesmo será 8,35% superior ao registrado na safra anterior. A produtividade média do Estado poderá atingir a 61,6 sacos/hectare. Esta performance do Mato Grosso tende a compensar, em parte, as perdas ocorridas no Rio Grande do Sul.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, que se mantinham relativamente estáveis durante a semana, recuaram fortemente no dia 09/03, fechando em US\$ 6,18/bushel, contra US\$ 6,37 uma semana antes. Este fechamento é o mais baixo desde meados de agosto passado.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 08/03, pouco trouxe de novidades. O mesmo confirmou a safra dos EUA, colhida no final do ano passado, em 348,8 milhões de toneladas, porém, aumentou em quase dois milhões de toneladas os estoques finais estadunidenses, passando os mesmos para 34,1 milhões de toneladas. A produção mundial foi reduzida para 1,147 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais subiram para 296,5 milhões de toneladas. A produção da Argentina foi reduzida para 40 milhões de toneladas, enquanto a brasileira foi mantida em 125 milhões. A produção da Ucrânia ficará em 27 milhões de toneladas, lembrando que no ano anterior, esta produção havia sido de 42,1 milhões.

Por sua vez, os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 02/03, atingiram a 899.910 toneladas, superando as expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial, até o momento, os embarques somam 15,3 milhões de toneladas, ou seja, 38% abaixo do volume embarcado no mesmo período do ano anterior.

E aqui no Brasil os preços se mantiveram com viés de baixa. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 82,27/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram o produto a R\$ 80,00. Já nas demais praças do país, o preço do milho oscilou entre R\$ 65,00 e R\$ 82,00/saco.

Enquanto isso, na B3, os negócios, na metade do pregão desta quinta-feira (09), para referência, estavam registrando o vencimento março/23 em R\$ 86,42/saco; maio/23 em R\$ 87,67; julho/23 a R\$ 86,95; e setembro/23 em R\$ 85,80/saco.

Dito isso, a colheita da safra de verão 2022/23, chegava a 35,4% da área total no Brasil, no dia 03/03. Por Estado, a mesma atingia a 67,2% da área no Rio Grande do Sul, 50,9% em Santa Catarina, 28% no Paraná e 22,4% em São Paulo. Em Goiás, o total colhido chegava a 7,1% e em Minas Gerais a 4,8%. No Mato Grosso do Sul, o índice chegava a 3,2%, enquanto no Mato Grosso o total colhido era de 4%. No mesmo período do ano passado, a colheita atingia a 44,8% da área estimada. A média histórica de colheita, para o período, é de 33,5%. (cf. Safras & Mercado)

Quanto à segunda safra nacional de milho, há preocupações pois cerca de 37% das lavouras serão semeadas fora da janela ideal de chuvas. (Cf. Pátria AgroNegócios)

Especificamente no Mato Grosso do Sul, o plantio da safrinha atingia a 28,1% da área, segundo a Famasul. O mesmo está 33,5 pontos percentuais atrasado em relação a média histórica. Para esta nova temporada, estima-se uma área total plantada de 2,32 milhões de hectares, ou seja, 5,4% a mais do que em 2022, uma produtividade média estimada de 80,3 sacos por hectare, totalizando uma produção projetada de 11,2 milhões de toneladas, o que seria 12,3% menor do que o atingindo no ciclo passado.

E no Mato Grosso, a produção do milho safrinha está mantida em 46,4 milhões de toneladas, sendo que 80% da área teria sido semeada dentro da janela ideal de clima. (cf. Imea)

Já no Paraná, conforme o Deral, o plantio da segunda safra atingia a 37% no final da semana anterior. O total cultivado fica atrás do registrado na mesma época, em 2022 (69%), 2021 (43%) e 2020 (72%). Portanto, nos últimos quatro anos, atualmente o Paraná está diante do plantio mais lento.

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater local, até o dia 02/03 a colheita do milho de verão atingia a 57% da área, contra 50% na média histórica. O órgão público gaúcho anunciou, durante a semana, que a estiagem deste verão resultou em uma quebra de 41% da safra de milho, em relação ao esperado, levando a produção final a ficar, agora, estimada em 3,6 milhões de toneladas. Já para a soja, a quebra, até este momento, seria de 31% sobre o estimado inicialmente, com a produção final alcançando 14,2 milhões de toneladas.

Enfim, segundo a União Nacional do Etanol do Milho (Unem) estima-se que o Brasil produzirá 6 bilhões de litros de etanol de milho em 2023/24, o que representará cerca de 19% de todo o etanol consumido no Brasil. O crescimento na produção, em relação ao ciclo atual, é de 36,7%. Serão 21 indústrias autorizadas a produzir este etanol no Brasil em 2023/24.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado, em Chicago, indicou para o trigo nova tendência de recuo. O cereal encerrou a sessão do dia 09/03 em forte baixa, valendo US\$ 6,53/bushel, contra US\$ 7,01 uma semana antes. Esta cotação é a mais baixa desde 14 de julho de 2021. Portanto, há cerca de 21 meses não se via valor tão baixo para o trigo em Chicago.

Os resultados indicados pelo relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 08/03, colaboraram para esta tendência. O mesmo apontou que a safra passada nos EUA ficou em 44,9 milhões de toneladas e os estoques finais do país em 15,8 milhões. Portanto, sem surpresas. Por outro lado, em termos mundiais, a produção geral ficou em 788,9 milhões de toneladas, com 5,1 milhões acima do indicado em fevereiro. Já os estoques finais mundiais somaram 267,2 milhões, com um recuo de cerca de 2 milhões de toneladas. Insuficiente para reverter o cenário baixista diante da oferta mundial do cereal, a partir do bom andamento dos negócios no Mar Negro, mesmo com a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia. A produção argentina passou para 12,9 milhões de toneladas, com uma quebra de quase 50% em relação ao esperado, enquanto a da Austrália aumentou em um milhão de toneladas, passando a 39 milhões de toneladas. A produção da Ucrânia foi mantida em 21 milhões de toneladas e a da Rússia em 92 milhões para este ano 2022/23. Enfim, a produção brasileira, recentemente colhida, passou a 10,4 milhões de toneladas.

Dito isso, as vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 02/03, atingiram a apenas 266.700 toneladas, ficando um pouco acima do nível inferior esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA já teriam comprometido com exportações um total de 17,4 milhões de toneladas de trigo, contra 18,6 milhões em igual período do ano anterior. Já os embarques do cereal, na mesma semana, somaram 377.100 toneladas, ficando 24% abaixo do volume obtido na média das quatro semanas anteriores.

Aqui no Brasil a comercialização do cereal continua lenta, havendo sobra de produto no Rio Grande do Sul e grande dificuldade para vendê-lo por parte dos produtores. O preço médio gaúcho subiu um pouco, ficando em R\$ 78,89/saco, porém, as principais praças de comercialização se mantiveram em R\$ 78,00. No Paraná, os preços permaneceram em R\$ 90,00/saco.

Vale destacar que o trigo cultivado no chamado período de safrinha, sem irrigação, após a colheita da soja, vem ganhando cada vez mais espaço no Cerrado brasileiro. Um dos benefícios do processo “é a possibilidade de rotação de princípios ativos de defensivos agrícolas, como herbicidas que podem agir no controle de plantas daninhas resistentes ao glifosato, usado nas lavouras de soja RR, bem como no controle de plantas de soja germinadas após a colheita, contribuindo com o vazio sanitário da cultura. Assim, o cultivo do trigo tem proporcionado o controle de plantas daninhas, além de fornecer uma excelente palhada, favorecendo o plantio direto nas áreas”. (cf. Embrapa Trigo de Passo Fundo-RS) “No Cerrado, os rendimentos das lavouras têm variado de 35 a 65 sacos/ha em anos de precipitação normal, e as receitas com as vendas têm agradado os produtores e estimulado a ampliação da área cultivada na região. Para obtenção de maiores produtividades, a semeadura deve ser realizada do início de março, até o final do mês, de acordo com as precipitações na região. Onde as chuvas param mais cedo, o trigo safrinha deve ser plantado no começo do mês. O

escalonamento da semeadura, ou seja, a semeadura das áreas em diferentes momentos, dentro do período recomendado, ou a semeadura de cultivares de ciclos diferentes, são estratégias interessantes. Já para semeaduras mais tardias, após o dia 15 de março, o produtor deve semear cultivares mais tolerantes à seca. A baixa precipitação e temperaturas acima do normal também podem causar prejuízos, principalmente pela ocorrência de veranicos comuns nesse período naquela região do país. Segundo ainda a Embrapa, a cultivar de trigo BRS 404 foi desenvolvida para condições de baixa precipitação, aproveitando a umidade do solo e o restante das chuvas dos meses de março, abril e maio. A cultivar tem como principais características maior tolerância ao déficit hídrico, ao calor e ao alumínio no solo, além de maior produção de matéria seca (palhada) e excelente qualidade tecnológica de grãos. Apresenta ciclo precoce, variando de 105 a 118 dias, sendo que o período entre a semeadura e o espigamento é de 57 a 67 dias, dependendo do local e da altitude do cultivo. É moderadamente suscetível à brusone e à mancha amarela. Em algumas regiões com maior volume de chuvas, como o Sul de Minas Gerais, os produtores têm alcançado produtividades de até 75 sacos/ha com a BRS 404. Já no Planalto Central, a produtividade pode chegar a 60 sacos/ha, desde que as chuvas tenham boa distribuição no período de safrinha”.

Enfim, destaque para o fato de que a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) aprovou o plantio de trigo transgênico, resistente à seca, no Brasil, de acordo com um documento publicado em seu site. Assim, o Brasil é o segundo país no mundo, depois da Argentina, a conceder permissão para cultivo do cereal geneticamente modificado. A Tropical Melhoramento e Genética, que apresentou o pedido à CTNBio, é parceira da argentina Bioceres no Brasil. Com isso, a empresa de biotecnologia Bioceres planeja aumentar a produção de seu trigo geneticamente modificado (GM) HB4 na Argentina, com maior resistência à seca. A empresa espera que o trigo HB4 eventualmente possa ajudar a expandir a área de plantio em torno de 50% no Brasil, onde são semeados cerca de 3 milhões de hectares com trigo, em sua maioria nos Estados do Rio Grande do Sul e Paraná. A empresa começará a comercializar o trigo HB4 na Argentina este ano, embora se concentre principalmente em trabalhar com "multiplicadores de sementes" para aumentar as reservas de sementes. Os planos vêm depois que o Brasil aprovou o plantio e importação de trigo HB4, enquanto testes em 2022 na Argentina, onde uma forte seca tem prejudicado o setor agrícola desde o ano passado, mostraram que os rendimentos do HB4 podem superar em até 40% os do trigo sem modificações genéticas em condições secas. Além do Brasil, o trigo HB4, da Bioceres, obteve autorização de países como Austrália e Nova Zelândia, que autorizaram o consumo de alimentos com o produto, e da Nigéria, onde é permitida a entrada do grão transgênico. (cf. Reuters)